



“A dedicação é a marca do aartista; o suor e o sangue que ele deu para a realização de um trabalho é a qualidade deste trabalho”.

Foi assim, sem desligar-se sequer por um instante de tal filosofia de trabalho, que Gilson Silva, jovem artista de vinte e sete anos, isolou-se e chegou a romper quase completamente, com os laços que o prendiam e decidiu “dar sangue” na realização de uma obra que poderá passar para a posteridade de Ribeirão: uma árvore esculpida .Fato inédito e um tanto inusitado que justamente por este motivo, talvez perdure na memória da cidade.

Ao idealizar a realização de tal projeto, Gil não pensou de imediato em uma árvore específica, até encontrar um tronco que pareceria pedir para ser trabalhado. E a escultura, que poderia ser realizada em qualquer árvore, sem qualquer discriminação quanto à sua localização, por simples acaso, será deixada num ponto mais que especial, quase estratégico, nas proximidades da Casa da Cultura.

“Não houve qualquer pré-determinação de minha parte quanto à escolha do lugar, mas não há dúvida que, depois de pronta, a escultura terá uma implicação direta com a Casa da Cultura”.

UMA ÁRVORE ESCULPIDA DOADA À CIDADE

Gil não só não achou necessário pedir o consentimento para a realização do empreendimento, como não viu também, motivo para fazê-lo, já que seu trabalho é uma doação para a cidade, uma obra que está sendo construída e será deixada gratuitamente aos habitantes de Ribeirão, como patrimônio.

“A peça é uma homenagem minha à Casa da Cultura, obra que depois de ter ficado engavetada por tanto tempo, finalmente acabou saindo como documento de uma força de trabalho contínuo e de um ato puramente emocional. Isto, devido ao grande amor e à atividade intensa que dediquei a ela. É um verdadeiro documento da minha personalidade”.

Apesar de não haver pedido a permissão das autoridades para esculpir o tronco, Gil não encontrou pressões nem impedimentos de qualquer espécie, que tentassem movê-lo do intento.

ATÉ PALOCCI APROVOU

“A Casa da Cultura tem dois guardas: um, no período noturno, outro, no diurno. Um deles, assim, que comecei a descascar a árvore, quis me impedir de esculpi-la, alegando a necessidade do consentimento da Construtora Cozac. Ao que eu respondi que a Cozac é responsável pela construção do prédio da Casa da Cultura, mas não era dono da árvore que existe ali perto. O outro guarda não colocou impecilhos e até ajudou a descascá-la”.

Não houve, portanto, impedimento nem tentativa de dissolução. Gil, inclusive, chegou a receber um certo apoio de Antonio Palocci, diretor do Departamento de Educação e Cultura de Ribeirão.

“Fui ao Teatro Municipal pedir empréstado, ao mestre de obras, um serrote para começar o trabalho, e o Palocci estava com ele. Ao ficar sabendo o que eu estava pretendendo, ele disse que acharia ótimo se eu o conseguisse”.

Gil provou que conseguiria, num espaço de tempo que, se fosse contínuo, seria contado apenas como uma semana de trabalho, de oito horas diárias, esculpir uma cabeça estranha, “quase arqueológica”, num tronco de quase dois metros de altura e de uma re-



O escultor Gil e sua obra, imune a críticas.

Este artista não admite críticas (MAS NÃO AS POUPA A TRABALHOS ALHEIOS)

Em causticas e radicais declarações à reportagem de Jaira Marina, Gilson Silva, o Gil autor da escultura numa árvore próxima à Casa da Cultura, acusa com raras exceções, os artistas locais de importadores da arte e de acomodados a alguns salões anuais; dessa feita, também, no mesmo caústico estilo, alguém que vai criticar seu trabalho.

sistência inesperada.

OS PAPOS INFRUTÍFEROS

“Há tempos eu idealizava a realização desta peça, mas me perdi durante muito tempo em conversas infúrtíferas com amigos. Conversas que, ainda que referentes à arte, varavam madruadas e não levavam a nada. Só consegui realmente por em prática o projeto, quando me isolei um pouco”.

O maior problema que o artista local enfrenta, segundo Gil, é a própria preguiça.

“Eles planejam e ficam nos planos, apenas. Sem deixar de reclamar que não existe movimento artístico em Ribeirão e que a Prefeitura não promove nada. Só que, se a Prefeitura não promove nada, eles também não o fazem. A classe é desunida. qualquer movimento é feito muito devagar; cada um trabalha por si e para si mesmo, como num dilúvio, e ainda assim, preguiçosamente”.

A PREGUIÇA COMO IMPECILHO

Citando o exemplo dos artistas plásticos, Bassano Vaccarini e Fúlvia Gonçalves, Gil afirma que eles pouco realizam em prol da arte, porém, não perdem uma oportunidade de dar entrevistas à imprensa, nas quais se queixam da inexistência de movimento artístico na cidade.

“Pode ser que eles não promovam nada, por medo da iniciativa, medo de ter que tomar a dianteira num movimento qualquer. Mas esta inércia me parece muito mais preguiça que outra coisa”.

Tomando como princípio básico o fato de que o artista tem que ser responsável por si mesmo, ao invés de ficar esperando que alguém caia do céu para cui-

dar dele, Gil tem em grande conceito o pintor Leonello Berti, recentemente falecido.

“Berti, ao menos apresentava trabalhos criativos seus. Não era como Gismondi, que quase não tem mostrado nada em termos de trabalho, embora apareça muito, ou como o Mandrake, que faz arte importada e passa adiante como se tivesse sido seu criador.

Quase todos seus trabalhos são baseados em trabalhos que ele já viu, portanto, ele só faz o trabalho, não cria nada. Só os toques originais é que são revolucionários”.

Admirador de Van Gogh, cita-o como exemplo, também:

“Van Gogh só foi revolucionário porque foi original. Por este motivo é que ficou famoso. Van Gogh não é famoso pelo seu nome, como muita gente parece pensar, mas justamente o contrário: seu nome ficou conhecido pelo que ele representou e representa para a arte”.

ARTE COMO ALIMENTO DIÁRIO

Defendendo até a medula, a teoria de que o artista precisa se mexer, criar, fazer e mostrar o que faz, Gil afirma que o artista tem que ter a perseverança e a continuidade do trabalho que tem por exemplo, um padeiro.

“A arte tem que ser diária, além de precisar ser constantemente ativada e alimentada. Por este motivo é que, dos artistas da cidade, quem eu tenho em conceito mais elevado é Odila Mestriner, que mostra o que tem feito. Os outros parecem contentar-se com um ou dois salões de arte por ano”.

Pela sua dedicação artística conforme garante, ninguém terá o direito de criticar seu trabalho.

“Não aceitarei críticas de forma alguma, porque dei meu sangue para esculpir a árvore. Embora não possua muitas obras, todas são de qualidade, e implicaram sempre, em grande dedicação da minha parte. Esta escultura, porém, superou a tudo quanto já fiz, em termos de suor e sangue, além de representar quase um marco em minha vida. Marco porque, a partir dela, passarei a ser um profissional”.

PROFISSIONALIZAR SEM COMERCIALIZAR

Palavra temida pelos artistas, Gil explica que profissionalização, no seu caso, não quer dizer comércio dos trabalhos artísticos, mas inteira dedicação a eles.

“Digo profissional, no sentido de fazer da arte a própria razão da minha existência, no sentido de só viver para ela. Quanto a comercializar meu trabalho, acho muito difícil, quase impossível mesmo, de acontecer. E como profissional dedicado que sou: desafio a qualquer artista da cidade a criticar minha escultura”.

Com mais dois troncos - da mesma árvore - já preparados e prontos para serem trabalhados, nos quais serão esculpidos uma cabeça e um totem (cada figura em um tronco), Gil está à procura de outras árvores espalhadas pela cidade, para trabalhar nelas, assim que terminar as outras duas. “Barreiras não Hooveram mesmo e não me impediriam de realizar o que eu pretendia e nem impedirão. Até agora, o que achei muito engraçado foi o fato do meu pai me perguntar se as árvores não são patrimônio da cidade, e, justamente por isso, intocáveis. Eu respondi que o patrimônio da cidade é o artista”.